

A Divina Comédia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Laterza, Gisella

A divina comédia / Dante Alighieri ; adaptação de Gisella Laterza ;
ilustrações de Fabio Visintin ; tradução de Darlei Zanon. - São Paulo : Paulus,
2025. II.

ISBN 978-85-349-5784-7

Título original: La divina commedia

1. Poesia italiana 2. Ficção italiana I. Alighieri, Dante 1265-1321

II. Zanon, Darlei

25-4525

CDD 851

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia italiana

Coleção TESOUROS DA LITERATURA

- *Mitos gregos*, Stefano Bordiglioni
- *A divina comédia*, Dante Alighieri

A Divina Comédia

Dante Alighieri

Adaptação de
Gisella Laterza

Tradução
Darlei Zanon



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *La divina commedia*

Autor: Dante Alighieri

Adaptação: Gisella Laterza

Ilustrações: Fabio Visintin

© 2022 Edizioni EL S.r.l., San Dorligo della Valle (Trieste)

www.edizioniel.com

Direitos negociados por meio da Ute Körner Literary Agent

www.uklitag.com

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Coordenação editorial

Christiane Angelotti

Revisão

Tiago José Risi Leme, Lucas Giron,

Carlos Antônio S. Maia

Design

Julia Ahmed

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5784-7

Índice

CAPÍTULO I – A SELVA ESCURA.....	7
CAPÍTULO II – ABANDONEM TODA ESPERANÇA.....	13
CAPÍTULO III – MONSTROS, DIABOS, SERPENTES.....	20
CAPÍTULO IV – DIABOS E HERÓIS.....	28
CAPÍTULO V – ATÉ O CENTRO DA TERRA	37
CAPÍTULO VI – A CAMINHO DO PURGATÓRIO	44
CAPÍTULO VII – OS SETE P's.....	51
CAPÍTULO VIII – LETES E EUNOE	61
CAPÍTULO IX – A PROFECIA DE CACCIAGUIDA	67
CAPÍTULO X – O SORRISO DE BEATRIZ.....	74



CAPÍTULO 1

A SELVA ESCURA



*Da nossa vida, em meio da jornada,
encontrei-me numa selva escura,
tendo perdido a verdadeira estrada.*

(Inferno, canto I)

OS RAMOS DAS ÁRVORES

se prolongavam acima de mim, escondendo a lua. A escuridão me envolvia. Como tinha chegado àquela selva? E, acima de tudo, como iria encontrar o caminho de volta para casa? Um barulho repentino de folhas secas me fez saltar. Talvez houvesse mais alguém ali comigo. Abri bem os ouvidos e escutei um rosnado, baixo e ameaçador. Tinha de fugir! Corri, sem pensar onde colocava os pés.

Depois de um longo caminho, avistei ao longe uma colina iluminada pelo sol da manhã. Eu poderia me salvar, lá em cima? Era certamente um lugar melhor do que a selva tenebrosa na qual me encontrava. Comecei a correr para chegar ao topo, mas parei logo. Ouvi novamente um barulho.

Outro rosnado.

Um latido.

Um rugido.

Virei-me. De trás de uma rocha, apareceram três feras, que bloquearam meu caminho. Não eram animais comuns: havia um lince com pelo manchado, um leão com juba muito espessa e uma loba magra e cinzenta que me fixava estalando as mandíbulas. Até aquele momento só tinha visto feras semelhantes em ilustrações de livros, mas agora elas estavam ali na minha frente... Claro que não queria me tornar o jantar delas!

Fugi como se tivesse asas nos pés, sem olhar para trás. Tive medo de ver novamente seus dentes afiados. Corri, corri, apenas corri.

E então percebi que na selva havia retornado o silêncio. A colina ensolarada não podia mais ser vista e ao meu redor havia apenas a escuridão. Estava perdido. Desesperado, recostei-me em um tronco retorcido e recuperei o fôlego.

Mas algo moveu as folhas secas perto de mim. Eu estava prestes a fugir novamente, quando percebi que desta vez não era uma fera. Era uma figura humana.

– Socorro! – gritei. – Seja você quem for, homem ou fantasma, ajude-me.

A figura deu um passo à frente, quase invisível na escuridão. Vestia uma túnica branca como a lua. Tinha uma bela face, severa e gentil ao mesmo tempo, ainda que seus traços estivessem desfocados.

– Não sou mais um homem – respondeu ele –, mas fui, há muitos anos. Quando estava vivo, eu era um poeta. Nasci nos tempos da antiga Roma e nas minhas obras contei a história da queda da cidade de Troia e as aventuras do grande herói chamado Eneias.

Não podia acreditar no que ouvia! Na minha frente estava o famoso Virgílio, autor da *Eneida*! Eu tinha lido e relido seu livro até aprendê-lo de cor. Para mim era como um mestre.

– Se você é mesmo aquele Virgílio... – gaguejei.
– Então você morreu há mais de mil anos, porém está aqui agora... Como é possível?

Virgílio sorriu para mim e disse:

– Você está muito longe de casa, Dante, mas não tema. Beatriz falou tanto de você e me enviou aqui para salvá-lo.

Ao ouvir aquele nome ser pronunciado, suspirei. Beatriz foi meu primeiro amor.

Eu a conhecia quando criança e, à medida que cresci, dediquei a ela todos os meus mais belos poemas. Continuei a escrever sobre ela, mesmo quando, nesse meio tempo, sua família a forçou a se casar com outro homem. Infelizmente ela morreu muito jovem, mas permaneceu sempre no meu coração.

– Beatriz? – murmurei, emocionado. – Você a conhece? Você a viu?

Virgílio sorriu e acenou com a cabeça:

– Sim. E você também a verá novamente.



– O que devo fazer? – perguntei imediatamente.

– O lince, o leão e a loba devoram todos os viajantes que passam pela selva. Por isso você terá de seguir por outro caminho, bastante perigoso, mas também cheio de aventuras – Virgílio fez uma pausa e continuou: – Terá de atravessar os três reinos do sub-mundo. Eu vou guiar você primeiro no Inferno, entre os condenados; a seguir o farei conhecer os espíritos do Purgatório, onde você encontrará Beatriz. Será ela que acompanhará você ao Paraíso. No fim, você voltará para casa, Dante, e poderá descrever o itinerário que ninguém jamais fez em vida.

A presença de Virgílio e a esperança de rever minha Beatriz me encheram de alegria. Sim, aquela viagem incrível não me assustava. Levantei minha cabeça como as flores dobradas pela geada da noite que, iluminadas pelo sol, se erguem de repente.

– Eu irei com você, Virgílio. Você será meu guia!



CAPÍTULO II

ABANDONEM TODA ESPERANÇA

*Por mim se vai à cidade dolente,
Por mim se vai ao eterno tormento,
Por mim se vai à gente decadente.
(Inferno, canto III)*

EU ESTAVA DIANTE

de uma porta enorme, muito antiga. No batente da porta estava escrito: ABANDONEM TODA ESPERANÇA, VOCÊS QUE ENTRAM.

Estremeci: a própria porta tentava nos avisar... E aquelas palavras não prometiam nada de bom. No entanto, Virgílio olhava para mim com expressão serena.

– Você precisa ser corajoso – disse ele, e pegou na minha mão.

Cruzamos o limiar e entramos no Inferno.

Estava tudo, tudo escuro.

Gritos desesperados e imprecações raivosas soavam naquele ar escuro e atemporal.

– Quem está gritando assim? – perguntei, tremendo.

– São as almas dos condenados esperando serem levadas para o outro lado – respondeu meu guia.

– Que outro lado? – perguntei novamente, em voz baixa.

Virgílio fez sinal para eu olhar.

– Outro lado daquele rio – disse ele –, onde o Inferno começa de verdade.

Aos poucos, meus olhos se acostumaram com a escuridão e vi algo sobre a terra árida e negra... Eram almas, muitas almas empilhadas. Gritavam, choravam, diziam que queriam voltar, porém caminhavam às margens de um curso de água, como se fossem

empurradas por uma força invisível. Por fim, paravam para olhar a água escura e fria, aguardando.

– Este é o Aqueronte, o primeiro rio infernal – explicou-me Virgílio –, e você está prestes a conhecer o barqueiro, aquele que nos permitirá atravessá-lo.

Eis que desponta uma barca deslizando na água escura. Um velho de longa barba branca a conduzia.

